



CENTRO UNIVERSITÁRIO REDENTOR – UNIREDETOR - AFYA

CURSO PSICOLOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ARTIGO

Crack: estigma e preconceito no contexto contemporâneo

Aluno:

VANDERLI JANUÁRIO JANETI

Vanderli.555@hotmail.com¹

ORIENTADOR

Matheus Garcia Coelho

Matheus.coelho@uniredentor.edu.br ²

JANETI, Vanderli Januário Janeti. COELHO, Matheus Garcia Coelho.
Crack: estigma e preconceito no contexto contemporâneo. Itaperuna:
UNIREDETOR/ AFYA, 2022.

¹ Aluno: Vanderli Januário Janeti – acadêmico do curso Psicologia da UNIREDETOR

² Professor – PSICOLOGO; Especialista, Professor do curso de Psicologia da UNIREDETOR.

RESUMO

O texto apresenta uma discussão referente ao preconceito e discriminação sofridos aos usuários de crack na sociedade contemporânea, enfatizando as dificuldades e enfrentamento que os mesmos são submetidos em virtude do preconceito que lhes são impostos pela sociedade; que por sua vez, impõe valores exigidos diante das aparências dos indivíduos, juntamente com a percepção que alguns relatam sobre as condições de rua e vulnerabilidade. Com objetivo de entender se os índices de violência, questões físicas, sociais e raciais interferem no preconceito e refletem em sua saúde emocional, sendo realizado através de pesquisas bibliográficas referente aos índices de usuários no Brasil. Também com a importância da família, instituições de apoio dos dependentes para proporcionar conhecimentos para profissionais de saúde tanto do tratamento quando da importância da prevenção de novo casos.

Palavra-chave: psicologia, crack, estereótipos

ABSTRACT E KEYWORDS

The text presents a discussion regarding the prejudice and discrimination suffered by crack users in contemporary society, emphasizing the difficulties and confrontation that they are submitted to due to the prejudice imposed on them by society; which, in turn, imposes required values on the appearance of individuals, along with the perception that some report about street conditions and vulnerability. In order to understand whether the rates of violence, physical, social and racial issues interfere with prejudice and reflect on their emotional health, being carried out through bibliographical research regarding user rates in Brazil. Also with the importance of the family, support institutions for dependents to provide knowledge to health professionals both about the treatment and the importance of preventing new cases.

Keywords: psychology, crack, stereotypes

INTRODUÇÃO

Os usuários de crack carregam consigo uma série de estigmas e preconceitos sociais em função principalmente de como a droga age na aparência. E o texto a seguir apresenta uma pesquisa bibliográfica referente ao número de usuários de crack no Brasil, para se possível, entender se os estereótipos envolvidos neste grupo impactam negativamente mais do que em usuários de outras drogas. E com objetivo específico de entender se o índice de violência, questões físicas e raciais, econômicas e o isolamento social dos usuários interfere nos estereótipos.

É importante para o profissional de saúde entender sobre este tema, uma vez que os índices de usuários estão crescendo cada vez mais, e os efeitos devastadores ocasionados pelo uso abusivo vem sofrendo grandes impactos na sociedade. E quando não se atentam para desenvolver conhecimentos para lidar com estas questões, os efeitos do uso poderão ser irreversíveis ao indivíduo e até mesmo casos de óbitos.

Conhecendo fatores tanto do uso da substância quanto do preconceito social que envolvem este grupo de pessoas, serão de grandes fontes auxiliadoras no tratamento e prevenção de novos casos. Para que seja possível disponibilizar uma atuação mais humanitária e compreensível do indivíduo para além das drogas; sejam por suporte psicológicos ou por políticas públicas.

Fatores históricos do crack

Existem vários motivos que levam as pessoas a usarem drogas, sejam eles por fatores pessoais ou sociais. Mas mesmo que sejam comuns no meio social o impacto negativo que elas disponibilizam na vida das pessoas é de cunho social, e mesmo que a maioria das pessoas conheçam sobre o assunto, a interferência do preconceito sobre os usuários não é muito discutida. Muitas vezes por serem informações com base em preconceitos e estereótipos.

O uso de drogas sempre esteve presente na existência humana, sendo vista em muitos lugares como algo de cunho natural. Servindo de estimulantes e como fonte de alívio em diversas naturezas de sofrimentos. Mas, a partir do momento que o uso se torna nocivo acarreta prejuízos sociais, econômicos e na saúde. E o uso de drogas se tornou

objeto de discussão mundial juntamente com medidas para proibir; com intuito de evitar o tráfico entre muitos países (PEDROSA et al, 2016).

Na década de 1920 se caracterizava os primeiros registros proibitivos de substâncias que causavam alterações psicoativas e foi desenvolvido uma emenda constitucional, como a *Lei Seca*; no intuito de eliminar problemas sociais, esvaziando prisões e asilos e diminuindo gastos do estado e tentando garantir prosperidade. Na década de 70, nos EUA a droga passou a ser considerada perigosa pois seus usuários se tornaram apáticos desistindo de suas vidas. E no sec XIX, a proibição teve grande influência no *Movimento da Temperança*, que considerava a abstinência como a única solução e caracterizava o crack como substância inerente e psicogênica, e estava relacionada a violências urbanas e criminalidade, além da pobreza e desvinculação familiar, tal como atualmente (LEVIANE 1984, apud Neto *op. cit.*).

Nos EUA na década de 80 e 90, vieram epidemias com uso de crack que repercutiu punições mais severas em quem estivesse portando crack do que cocaína. E seu uso foi com maior frequência na população negra e latina do que na branca. Fato que contribuiu para a marginalização de centenas de milhares de presos e provavelmente agravou o preconceito contra jovens negros e latinos no país, associando o grupo social a marca de uma droga demonizada pela sociedade como afirma (SOUZA, 2016).

O crack na sociedade brasileira

Mundialmente o consumo de drogas tem crescido gradativamente, e no Brasil há um destaque para a cocaína. Ela se apresenta como cocaína ou “crack” quando é fumada que é desencadeada de formas mais rápida e intensa. São drogas psicoativas, ilícitas e estimulantes que agem no Sistema Nervoso Central (SNC). Seu nome “crack” se dá pelo barulho que faz ao ser queimada, e é composto por pasta base de cocaína com água e bicarbonato de sódio; aquecida que dão origem a cristais chamados de “pedras”. Ao serem fumadas produzem estimulantes que permeiam entre 15 segundos a 5 minutos; onde estes dois fatores combinados contribuem para que o usuário busque constantemente (PEDROSA et al, 2016).

Para Souza (2016), em 2010 o tema referente as drogas foi algo que mais se destacou no cenário político-midiático brasileiro, por ter mais impactado na atenção da

saúde pública; deixando o álcool logo em seguida. Uma vez que, seu uso desencadeava crimes violentos e suposta desagregação moral dos jovens no Brasil. E nesta mesma época, vários especialistas criavam mitos referentes ao seu uso como: sujeito a vício na primeira tragada e mortes em 6 meses de uso.

Nos dados contava cerca de 80% dos usuários do sexo masculino com faixa de 20 a 30 anos, tendo em média 6,5 anos de uso (algo que desmistificava os 6 meses anteriores), e tendo em média oito em cada dez sendo negros. Cerca de 40% se encontravam em situações de rua e 49%, já tiveram passagem pelo sistema penitenciário. Estes foram fatores que aumentaram o preconceito social e obrigava o Brasil a adotar movimentos que “justificavam” as internações involuntárias como sua primeira opção de tratamento, sem levar em conta o método de tratamento e o respeito dos direitos humanos segundo (SOUZA, *op. cit.*).

Neto (*op. cit.*) descreve o crack como química criminosa, sendo sedutora, potente e mortal deste fim de século, de consumo barata, extremamente forte e em altíssimo poder de destruição e dependência. Geralmente de uso compulsivo e em várias ocasiões já apresentam casos de abandono de bens que possuem, o rompimento de vínculos sociais e demonstram sintomas de convulsões, perda da memória, paranoias, comportamentos violentos e até mesmo suicídios. E associa esta prática a algo tipicamente de ritual e pertencente a grupos de classes pobres.

Em virtude dos efeitos estimulantes e prazerosos juntamente com o baixo custo de comercialização ilegal, o crack se espalhou rapidamente no território brasileiro em suas diferentes classes sociais; estendendo-se para um problema grave de saúde pública e com grandes impactos na vida das famílias e da própria sociedade. Tendo de um lado o usuário (e sua família) em situação de vulnerabilidade e fragilidade, e do outro a necessidade de uma atuação ao tratamento de abordagem multiprofissional e interdisciplinar (RODRIGUES et al.).

Nos EUA na década de 80 e 90, vieram epidemias com uso de crack, que repercutiu punições mais severas em quem estivesse portando crack do que cocaína. E seu uso foi com maior frequência na população negra e latina do que na branca. Fato que contribuiu para a marginalização de centenas de milhares de presos e provavelmente agravou o

consumidor e trabalhador nos diferentes campos sociais. Não apenas nos “habitus primários” como a formação social familiar, mas a incorporação dos “habitus secundários” como os campos das instituições, que poderá confirmar ou reverter trajetórias de acumulação de vantagens ou desvantagens.

Nesta mesma forma de se pensar, a “incorporação” do mundo exterior do sujeito vai depender de sua socialização familiar. E tendo cada classe com sua singularidade, o mesmo acontece com suas capacidades emocionais, morais e cognitivas conforme suas classes sociais. Descartando a ideia de se pensar em sujeitos “genéricos”, mas sim, produção diferencial de humanos desigualmente aparelhados a partir de suas posições de classes, e competindo socialmente por recursos escassos como afirma (THIRY-CHERQUE, *op. cit.*).

A formação do respeito de si e dos outros está relacionada em uma compreensão borrada, por se tratar de um ponto de vista instituído pelas classes sociais. E em suas entrevistas observou que há um consenso que contrapor a noção de bem-viver como as condições de bens, segurança, fatores emocionais e psicológicos, reconhecimento social e com grandes enfoques para as relações familiares (SOUZA *op. cit.*).

O abandono social juntamente com uma desconstrução familiar acarretara fatores como fracasso escolar e conseqüentemente resultara no fracasso do mercado competitivo. Como fatores do crack podemos citar a incapacidade de comportamentos fundamentais como a capacidade de concentração, pensamento prospectivo e disciplinar (capacidade de perceber e expressar interesses de classe ao longo prazo) como afirma (SOUZA, *op. cit.*).

Para que haja um processo de socialização é necessária uma operação de instituições informais face a face, ou formais na sociedade para uma possível redução da contingência em relação a percepção sobre como o outro pode agir. E o desdobramento do não acesso as instituições que aopiam os usuarios ou o enfraquecimento da categoria cognitiva dos usuários de “tempo” (sendo comum relativo ao “passado”), poderá interferir na reconstrução de projetos futuros (SOUZA, *op. cit.*).

Para Souza (*op. cit.*), em albergues a entrada uma tarefa quase que impossível quando se está em estado de “doidera” ou alcoolismo por ser proibido. Lá dentro também é comum em algumas horas haver uma vontade insaciável de sair para fumar mais.

Deixando-os na condição entre: passar uma noite nos Albergues e desfrutarem de benefícios como banhos e noites seguras, ou nas ruas e se acomodarem com os odores do corpo que lhes impõem constrangimentos e perigos urbanos e terem seus pertences roubados.

A partir desta Portaria os CAPS AD seguiram o intuito da Reforma Psiquiátrica, em buscar substituir o modelo hospitalocêntrico de tratamento por serviços de saúde de base comunitária, sendo composta por equipes multidisciplinares e capacitadas na área. E Oliveira (2011, p. 2) afirma:

Com isso, o objetivo dos CAPS álcool e outras drogas (CAPS AD) é acolher os usuários em uso problemático de drogas, oferecendo-lhes tratamento necessário com vistas à diminuição ou interrupção do uso de drogas e à reinserção sociocultural e familiar, sendo diversas as estratégias de cuidado oferecidas, como tratamento clínico, psicológico, terapêutico ocupacional e psiquiátrico, além de programas de reinserção social, por meio de projetos de economia solidária, dentre outros.

O uso excessivo de crack no organismo

Para Molley (2020), a cocaína é uma droga estimulante viciante que é produzida a partir de plantas chamadas de coca. Estes estimulantes aumentam o estado de alerta, causando euforia e sentimento de poder. E em altas doses pode gerar ataques cardíacos ou acidentes vascular cerebral, doenças graves e em muitos casos a óbitos.

O crack em sua nova forma apresenta a cocaína como desencadeadora de efeitos agudos como: maior aptidão física e mental, agitação psicomotora, euforia, aumento da cognição, vigília, estado de alerta, ansiedade, aumento dos batimentos cardíacos, suor excessivo, maior sensação de poder e autoestima. E em uso crônico acarreta *distonia* e movimentos abruptos nos olhos. Em casos de overdose agudas estão presentes sintomas de convulsões e tremores. Ela exacerba movimentos como *distonia idiopática*, *distonia* relacionada a *neurolépticos*, tremor essencial ou *síndrome de Tourette*. E quando usada com álcool o crack aumenta o ritmo cardíaco e pressão arterial e depois resultados letais (MARINHO, *op. cit.*).

Sua dependência produz vários danos físicos como o acometimento pulmonar, hepatites B e C e a suscetibilidade a exposição ao Vírus da Imunodeficiência Adquirida/Síndrome (HIV/AIDS), violência física e a própria mortalidade. No âmbito socioeconômico, podemos destacar fatores como o isolamento social e familiar, rompimento de lações afetivos, marginalização por atos ilícitos, violência, perda ou afastamento do trabalho, perda da esperança de vida, o caos e pânico coletivo e dificuldades aos serviços de saúde (RODRIGUES et all, 2012).

Seu uso ao longo prazo poderá causar danos irreversíveis como degeneração chamado *rabdomiólise* – que é uma condição comum de intoxicação da *necrose* da célula muscular e a *mioglobina* liberada pelas células lesadas causando falência renal. Outro fator é a diminuição da *dopamina nas sinapses*, e provocam “ansiedade, irritação, impulsividade, fissura, letargia e sinais depressivos” como afirma (MARINHO, *op. cit.*).

Em pesquisas de efeitos cerebrais a respeito da neuroimagem: voluntários saudáveis receberam infusão de D⁹-THC (*tetraidocarbonil*) ou *placebo*, que mostraram um aumento no fluxo sanguíneo cerebral regional (FSCr) em regiões cerebelares e corticais em vários indivíduos. Sendo algo consistente, uma vez que o cerebelo está ligado a um sistema interno de percepção e estimativa de tempo e que tiveram alterações após o uso. E em outro estudo com usuários regulares apresentaram diminuição tanto do fluxo sanguíneo quanto da atividade metabólicas cerebelares nesta região como afirma (MARINHO, *op.cit.*).

A privação de elementos familiares, escolares e profissionais na vida do indivíduo diminui a coesão identitária suficiente para a temporalização da biografia. Ou seja, sem estes apoios na vida do indivíduo o crack e outras drogas se torna uma espécie de fator de coesão. E sem a presença de componentes interpessoais, institucionais ou identitários que oferecem amparo as condições de subsistência o uso imoderado das drogas desfaz os perfis individuais pessoais, resumindo os usuários em apenas um número de classe (SOUZA, *op. cit.*).

Há vários momentos que os usuários apresentam diversas situações com dificuldades em tomar decisões diante de adversidades e precisam ser submetidos a situações constrangedoras. Como o relato de uma mãe que teve depressão pós-parto e

durante sua gestação foi obrigada a ficar amarrada por 6 meses pela sua família para que a mesma não furasse sua barriga por não gostar de sua filha (SOUZA, *op. cit.*).

Um homem entrevistado relatou estar com dor de dentes a duas semanas, mas não conseguiu ser atendido pelo SUS em razão de sua sujeira e alega usar o crack como uma espécie de analgésico para a dor, também para suportar o frio das ruas, a fome e o sono mesmo que acorde dolorido. E diz: “sabe por que a pessoa usa crack na rua? Porque não tem para onde ir, a gente fica naquela solidão” (SOUZA, *op. cit.*, p.150).

Em Souza (*op. cit.*) presenciou o relato de uma mãe que se sentia culpada, alegando estar trabalhando como babá cuidando de filhos de outras pessoas, enquanto os seus ficavam soltos ou cuidando uns dos outros, e conseqüentemente tinha sentimentos de fracassos. E se queixava todos os dias sobre onde errou, visto que os seus dois filhos hoje em dia não trabalham ou estudam em virtude do uso de crack.

Em outro relato, uma pessoa se sentia decepcionada consigo mesma em não ter mais uma vida “regular”, sem o apoio familiar, condições de trabalho e o olhar de dignidade das pessoas. E sonha em construir uma nova vida, deixar o mundo das drogas, poder trabalhar, reconstruir sua família, abandonar as ruas, se reconciliar com Deus e não deseja esta vida a ninguém (SOUZA *op. cit.*).

E Souza (*op. cit.*), tinha interesses em um estudo “prático”, ou seja, uma forma de iluminar sobre as formas em como as instituições de recuperações tratavam dos usuários, se concentrando não apenas na recuperação do patrimônio e esclarecer o comportamento autodestrutivo; mas que pudessem ser mais efetivas, sucendo no seu desiderato de “curar” o dependente. Paralelamente buscando bases no conhecimento de um patrimônio de formar no presente e na vivência na temporalidade imediata – o que o uso de drogas radicaliza – como exclui a dimensão prospectiva e de futuro - com concepção de “pequenos futuros” através da inteligência institucional para a recuperação destes.

O crack e o preconceito

Não é fácil entender como funciona o mundo social, pois não compreendemos como os valores de classificação são construídos e como eles afetam nossas vidas, mas é comum haja uma classificação voltada para o dinheiro ou poder que as pessoas

possuem. De maneira que as pessoas costumam ter remorso, pena, vergonha, indignação ou ficam sem respostas diante de quem não apresentem tais características; ao contrário do que acontece com quem tem dinheiro e poder (SOUZA, *op. cit.*).

Em uma sociedade capitalista onde os usuários ocupam lugares públicos é normal que para a maioria das pessoas terem no imaginário social a necessidade de se retirar estas pessoas como uma forma de limpeza urbana. E quando são rotulados de indesejáveis e improdutíveis, interferem drasticamente nas condições de oportunidades nos espaços da sociedade (BARD *op. cit.*).

Quando o usuário se concentra nos níveis baixos hierárquicos sociais é considerado como fora do contexto social, e que não se encaixam nos ideários da sociedade – sem vínculos na família, emprego formal e moradia. Visto como diferentes, inferiores e indignos de frequentar espaços públicos (exclusão social) como afirma (BARD *op. cit.*).

Para Bard (*op. cit.*) é normal quando estamos diante de um estranho e o mesmo apresentar atributos que o diferencie dos outros; preconceituosamente deixará de ser considerado um indivíduo/usuário em sua integralidade e subjetividade e passará a ser comparada a uma pessoa estragada e diminuída (estigmatizada), com seus efeitos de descréditos sobre ela.

De acordo com Brad (*op. cit.*, p.2)

O preconceito e o estigma, relacionados/ direcionados ao usuário de crack, têm influenciado a relação dessas pessoas nos diversos setores da sociedade, pois estão relacionados à criminalidade, fazendo com que essas pessoas sejam estigmatizadas, negligenciadas e marginalizadas enquanto cidadãos, o que reforça abordagens excludentes e de violência, entre outras.

Para Bandeira & Batista (2002) o preconceito embora seja presente nas relações humanas é algo difícil a se definir mas podemos entendê-lo como uma mola central e reprodutora eficaz na discriminação, exclusão e incorporada na violência, e que se contrapõe as qualidades do caráter. Implica sempre uma relação social, ou seja: pode ser identificado como uma negação e desvalorização da identidade do “outro”, e supervalorização ou afirmação da própria identidade. Nesta forma de pensar, atribui

práticas arbitrárias de pensar e agir no sentido racionalizado do controle social para manter a distância de certos indivíduos ou grupos.

Neto (*op. cit.*, p. 10) relata que segundo outros autores:

[...]parece haver uma busca pela higienização na sociedade, através da exclusão social e práticas de intervenção como solução mais indicada nesses casos e pouco se fala sobre atividades de incentivo. Onde, aqueles que não se enquadram nos padrões impostos pela sociedade “elite[...].

Possuindo sua repreensão tomada de forma mais severas. Categorizando-os em acusações e destinando a alguns grupos o lugar de “anormais” os que divergem do que se espera socialmente, a ponto de dividir a sociedade entre “bons” e “maus” e punindo os que não se adequam aos padrões “corretos”. Acreditando que esta categoria é uma forma de manipulação do poder e organização das emoções que delimita fronteiras de possibilidade entre culpados e absolvidos, e questiona: é um combate as drogas ou aos pobres? (NETO, *op. cit.*).

É importante saber que a dependência não está condicionada somente a vontade como uma necessidade fisiológica e psicológica; pois não se trata apenas de escolher ou não usar, e sim, estar reféns dela. Uma vez que seu uso desencadeia instantaneamente um estado de euforia que reforça no dependente a motivação por um novo episódio de consumo segundo (BARD *op. cit.*).

De acordo com MOSCOVICI (2012 apud NETO *op. cit.*) outro fator importante são as informações dos meios midiáticos que possuem grande influência na aceitação e rejeição do público. Pois mesmo que haja uma mídia neutra, seu repertório é decidido pela sua audiência e suas informações se tornam imparciais, que corroboram muitas vezes com o modo de ser e agir do indivíduo. E afirma que ela não apenas reproduz os fatos em si, mas assume papel na construção da realidade. E quando esta realidade adere sentido ao homem; é construindo representações sociais, que irá repercutir em sua tomada de decisão e possibilidade de se posicionar no meio social.

Para Olmo (1990), a mídia desempenha papel de grande importância na construção e reconstrução dos estereótipos que envolvem estas pessoas. Evidenciando tantas características de uma única pessoa quanto de um determinado grupo na sociedade.

Podendo transforma-lo de forma oscilante em uma vítima ou um Algoz (demonizando um e ocultando outros problemas).

É chamado de estratégia de naturalização o desencadeado uso frequente da mídia, associando seu uso de drogas com situações de violência – simplificando um fenômeno complexo envolvido de questões históricas e estruturais. Atribuindo a responsabilidade ao objeto social droga, criando uma ameaça materializada. Ou seja, materializa-se a relação de crack e droga e reforça a relação de exclusão/dominação (ROMANINI & ROSO, 2012 P. 91 apud NETO *op. cit.*).

Para Neto (*op. cit.*, p.12), “a formulação de enunciados dos jornais pode produzir discursos como estatuto de verdades, com efeitos normativos que se estabelecem na constituição de tipo de subjetividades próprias e na demarcação de figura de alteridade marcante”. Com seus canais que atuam como mecanismos que desqualificam o sujeito seus estereótipos que corrompem o caráter para algo em que os usuários não merecem serem concebidos como humanos.

As alterações ocasionadas pelo uso de crack provocam o abandono e a ruptura de laços efetivos, isolamento social e conflitos das redes de apoio. Elas ocupam espaços na mídia como a valorização de aspectos negativos da dependência, que reforçam o preconceito e estigma social do usuário. Deixando-os no imaginário social como se todos estivessem envolvimento com o tráfico, criminalidade e sua interrupção relacionada a sua própria força de vontade (BARD et all, 2016).

Segundo Bard (*op. cit.*) os usuários de drogas são avaliados e descriminados de forma diferente dos dependentes de outras substâncias. Inclusive entre eles mesmos; onde os usuários de crack são de forma maior e mais intensa. Como nos casos de usuários de álcool se “justificam” ou “vangloriam” por não serem iguais aos de crack e até se rejeitam em fazer grupos com eles em CAPS AD.

Segundo Goffman (2010 apud BRAD *op. cit.*)

A pessoa estigmatizada possui duas identidades: a real e a virtual. A identidade real é o conjunto de categorias e atributos que uma pessoa prova ter; e a identidade virtual é o conjunto de categorias e atributos que as pessoas têm ao se mostrarem aos estranhos ao seu redor, logo, são exigências e atribuições

de caráter, feitas pelos considerados normais, quanto ao que o estranho deve ser.

O que leva a discriminação e exclusão não é a falta de carência material, mas o preconceito das pessoas que geram que negam a uma possibilidade de uma “ética de igualdade” ou reciprocidade. Mesmo que o preconceito seja normalmente condenado e a discriminação está sujeita a punição judicialmente, elas acontecem de forma natural entre as pessoas seja por medo ou vergonha. Em alguns casos são como via de regras, como na busca pelo ingresso ao trabalho que exigem uma boa aparência física. E tanto para os homens quanto as mulheres é normal provarmos nossos valores através do trabalho ou emprego; mas em condições de uso de drogas podem se tornar incertos, voláteis, flexíveis e fragmentados como afirma (BANDEIRA & BATISTA, *op. cit.*)

Para Souza (2016, p. 45), a realidade de vida dos usuários de crack proporciona uma instabilidade financeira “obrigando-os” a se submeterem em trabalhos precários, de imersão precoce e com pouca remuneração e diz que “[...]não é o trabalhador que escolhe o seu trabalho, mas o trabalho que escolhe o trabalhador[...]”.

Para Souza (*op. cit.*), a análise da reprodução dos estereótipos deve iniciar nos consensos sociais que legitimam a construção do modelo de cidadão. Pois a violência proporcionada da população aos usuários está subordinada ao modelo construído do sujeito na sociedade, seja pelas relações construídas com os outros companheiros, com os familiares, a mídia e o estereótipos.

Os usuários são alvos de olhares incomodados da população em geral, e é comum saírem em capas de jornais e revistas, e conseqüentemente são os primeiros a serem estigmatizados como gênese do mal, tanto pelo senso comum como científico; como as “cracolândias” que são locais dos pobres consumirem drogas. E existe uma incapacidade de alguns que moram nas ruas em transformar os fracassos cotidianos em algo positivo em perspectivas futuras (SOUZA *op. cit.*).

E nesta perspectiva, é evidente o caráter de periculosidade que os usuários adquirem no meio social, juntamente com os efeitos que a droga produz no organismo. O usuário é apresentado como um doente violento, com ações descritas como algo para além de seus delitos cometidos, e tomados de outros comportamentos e modos de ser (FOUCAULT, 2010 apud NETO *op. cit.*).

Os indivíduos são frutos da sociedade e socialização familiar e mesmo que não percebam suas opiniões irão refletir nessa herança. E metaforiza dizendo que somos como “marionetes de um drama do qual não somos autores e nem se quer compreendemos”. E dentro deste contexto duas atitudes são possíveis: ou admitimos nossas fragilidades e dependência, e procuramos transformar nossas potencialidades em lutas para uma possível ação no mundo minimamente consciente; ou nos sujeitamos em uma mentira e fraude que aflita nosso ego infantilizado pelas ilusões de autonomia, dependência e força como afirma (SOUZA, *op. cit.*, p.27).

Estratégias de tratamento

Para Souza (*op. cit.*), em pessoas cujo registo é marcada pela temporalidade imediata, seu primeiro passo é a reconstrução do paciente em um novo horizonte temporal que possibilite sair do ciclo vicioso do aqui e do agora, sendo planejada minimamente aos poucos na vida cotidiana. Sendo pequeno de início, num horizonte de algumas poucas horas ou poucos dias na estratégia terapêutica; dando grande enfoque para que a importância seja o começo e os ganhos da identidade individual e na perspectiva futura seja mais “vívda” pelo usuário.

Nas estratégias de tratamentos disponíveis, podemos contar com algo do âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) aqui no Brasil, e como referência os Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) que engloba tanto transtornos mentais quanto uso de álcool e outras drogas. E segundo o Ministério da Saúde (2004), qualquer pessoa com sofrimento psíquico ou ocasionado ou não pelo uso de drogas, poderá fazer uso deste serviço de atendimento CAPS (centro de atendimento pisco social). Sendo esta uma unidade de estratégia para uma redução de danos nas ações de prevenção, promoção da saúde e tentar diminuir o consumo de drogas, como é relatado na Portaria nº 816/2012 (ministério da Saúde, 2002), que pode contar com o Programa Nacional a Atenção Comunitária Integral a Usuários de Álcool e Drogas segundo (CARVALHO, 2021).

É natural que pacientes de CAPS AD a necessidade de acompanhamento *farmacoterápico*, principalmente por esta população usar medicamentos psicotrópicos para aliviar sintomas de “*fissura*” e/ou abstinência de substâncias, como também possíveis quadros de morbidades psiquiátricas presentes como depressão, ansiedade,

esquizofrenia e outros como afirma BRAGA et al (2005 apud CALVALHO *op. cit.*). Mas no quesito terapêutico, ainda não podemos contar com nenhum tipo específico medicamentoso de tratamento. Ou seja, não há um padrão aprovado para tratamentos da dependência, mesmo diante de mais de uma década de intensas pesquisas como afirma (LAROWE et al, 2006 apud CARVALHO *op. cit.*).

Segundo Carvalho (*op. cit.*), mesmo que não haja uma leitura de tratamento medicamentoso específico padronizado e eficaz para esta problemática do crack, foram levantadas hipóteses do tratamento do SUS, que se baseia em evidências oriundas da prática clínica ou em fase de experimentação. Reforçando a necessidade de se investigar nas possíveis problemáticas das terapêuticas, explorando novas pesquisas de tratamento e medicamentos, evitando assim equívocos nas prescrições médicas.

METODOLOGIA

O artigo apresenta uma pesquisa revisão de literatura analítica acerca dos efeitos que as drogas exercem sobre o organismo humano, baseadas em fontes de artigos, livros e revistas da internet. Podendo contar com quatro artigos de fontes Scielo Brasil, outros três artigos, dois livros, e um manual do MSD.

O primeiro artigo da Scielo é referente a dissertações e teses brasileiras, que possui como palavras-chaves Cocaína; Crack; Drogas Ilícitas; Gestão do Conhecimento para a pesquisa em saúde. Apontando questões sobre o uso de crack na sociedade e como se torna difícil o acesso a saída deste modo de vida, e com formas de tratamentos com usuários.

O segundo aborda questões sobre a violência materializada no preconceito, ética, igualdade e reciprocidade – e com palavras-chaves: Preconceito; discriminação; exclusão; violência. O terceiro artigo da Scielo apresenta uma abordagem descritiva, exploratória e retrospectiva de prontuários de pacientes em tratamento no intuito de examinar possíveis medicamentos favoráveis no tratamento de dependentes – e possui palavras-chaves: Cocaína Crack: Medicamentos; Tratamento. E no quarto busca uma compreensão sobre a influência da mídia como formadora de representações sociais e

preconceitos, tanto pela história das drogas na sociedade quanto nos dias de hoje – e com palavras-chaves temos: Drogas; Representação Social; Imprensa.

O livro do Olmo possibilita entendermos como a mídia pode interferir nos estereótipos dos usuários na sociedade, sendo eles como vítimas ou não –

No livro de Souza, só foi usado até a pag. 204; que abrange os capítulos 2 ao 7, com assuntos referentes a humilhação, fatores econômicos, abandono social e familiar, condições de rua e recuperação

Também foram usadas duas revistas de Enfermagem Brasileiras como: as primeiras REBEM (Revista Brasileira de Enfermagem) que tem como descritores: Cocaína Crack, Transtornos Relacionados ao Uso de Cocaína; Vulnerabilidade em Saúde; Transtornos Relacionados ao uso de Cocaína; Enfermagem. Englobando índices de dados de usuários do Brasil e do mundo. E a segunda REME (Revista Mineira de Enfermagem) especificando o crack como substância e ação no organismo. O Manual de Diagnósticos e Tratamentos (MSD), auxiliando em testes, diagnósticos e sintomas a curto e longo prazo.

Seguindo da Revista Latino-Americana de Enfermagem, se trata de vivências dos usuários de crack como fonte de percepção acerca dos usuários em relação às drogas, a sociedade e as perspectivas futuras.

A revista de Psicologia em Estudo proporciona assuntos sobre as drogas ao longo dos anos, focando na origem e propagação dos EUA e Brasil, e fatores como as políticas de proibição e com o preconceito dos negros e pobres. Suas palavras-chaves são: Drogas, Representação social; Imprensa. Já o artigo Thiry-Cherques apresenta um plano de investigação sobre pesquisas práticas e epistemológicas de Bourdieu, que auxilia em questões sobre os comportamentos dos usuários como fontes de valores inconscientes. Tendo como palavras-chaves: Método: Bourdieu; ciências humanas; ciências sociais. Para o breve tratamento foi utilizado um artigo de uma pesquisa descritiva, exploratória e retrospectiva feita em usuários de crack sobre o uso de determinados medicamentos no tratamento, tendo como palavras-chaves: Cocaína Crack, Medicamentos, Tratamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso do crack na sociedade está a cada dia mais comum entre os brasileiros, devido ao seu baixo custo de comércio e grande facilidade de vício tem estendido seus impactos para os âmbitos sociais e familiares. Trazendo prejuízos ao indivíduo como problemas de físicos e comportamentais, higiene pessoal, concisões de rua e vulnerabilidade, exclusão social e familiar, violência física e psicológica, cerceamento nas oportunidades do mercado de trabalho e ambientes de saúde e tratamento, e o próprio óbito e com ambos martirizados com o preconceito. Levando em consideração seu histórico em relação aos índices de usuários negros e pobres.

A busca pelo uso poderá ocorrer de várias formas e seus efeitos ocorre de maneira diferente a cada um, variado de fatores como o organismo do indivíduo e do consumo ingerido. Mas os efeitos negativos ocorrem em todos, seja pelo curto ou longo prazo. Mas o fator do preconceito que além de agravar as condições precárias se tornam barreiras ao acesso a novas condições de vida fora das drogas, e são obrigados se submeterem e conviver com o preconceito. Sendo tratados como “anormais”, “fora do contexto” ou “maus”.

O preconceito também está relacionado sobre como as pessoas percebem as atitudes dos usuários em relação ao vício, pensando ser somente uma necessidade fisiológica ou psicológica, e deixar o vício está somente na vontade dele querer sair ou não. Sendo que, os efeitos do crack se manifestam instantaneamente em segundo proporcionando uma sensação de prazer e estímulos para o próximo uso.

O histórico na sociedade repercutiu negativamente sobre a imagem dos negros e pobres da época, que necessitavam de políticas de proibição. E seu tratamento foi marcado por métodos que estavam focados somente na abstinência da substancia, excluindo assim o sujeito digno de respeito e ética. E mesmo diante de vários anos de pesquisas, ainda não existe um tratamento medicamentoso para reprimir a vontade do usa de drogas.

As mídias possuem grande papel na forma do ser pensar e agir na sociedade, moldando e prevenindo o preconceito em relação aos usuários. Mas como a mesma está

sujeita as demandas das audiências, que expressar a vontade do meio modular, e normal que marginalizar o indivíduo repercute uma condição mais favorável para audiência.

A importância presença e participação da família e educação na vida do indivíduo é um fator modulador na caráter e comportamentos diante das adversidades da vida. E para a realidade de muitos usuários, é comum a ausência ou fragilidades destas figuras, que compromete nas oportunidades de mercado de trabalho, estrutura emocional e ingressarem no meio social.

As instituições na sociedade possuem grande papel nos processos de humanitários dos usuários, uma vez que os preconceitos são naturais em qualquer sociedade. Mas em vários relatos, a vontade deles em saírem destas condições é nítida, mas por causa dos efeitos colaterais do uso juntamente com condições precárias de vida, são intensificadas negativamente a ponto do se manterem estáveis a estas condições.

Nas condições de rua, o indivíduo estará sempre procurando meios de sobrevivência e se submetendo as condições climáticas seja de frios, chuva, calor, escassez de alimentos e violências. Isto faz com que, fatores do passado ou do presente se tornem mais vividas aos usuários, e perspectivas de vida futura se tornem menos estáveis.

Nas estratégias de tratamento podemos pensar em CAPS AD. Onde o cuidado e acolhimento por equipes multidisciplinares possam priorizar o indivíduo para além das drogas e possibilitando na reconstrução de novas formas de ver a vida. Saindo do ciclo vicioso do aqui e agora e construindo (mesmo que minimamente) perspectivas futuras.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA & BATISTA. / **Preconceito e discriminação como expressão de violência**. Estudos Feministas, Copyright 2002.
- Bard ND, Antunes B, Roos CM, Olschowsky A, Pinho LB. **Estigma e preconceito: vivência dos usuários de crack**. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2016;24:e2680 [Access 000998740.pdf]; DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.0852.2680>.
- CARVALHO et al./ **Análise Crítica Sobre Medicamentos Prescritos para o Uso Problemático de Crack**, Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2021, v.37, e37.
- MARINHO et al, **O corpo, a droga e o movimento**. REME – REVISTA MINEIRA DE ENFERMAGEM. MG, Vol. 20: e987. 2016. ISSN: (on-line) 2316-9389.
- MOLLEY, **Cocaína Manual MSD** versão saúde para a família. / 2020 online.
- NETO et al, **A DROGA COMO DISPOSITIVO DE CONTROLE SOCIAL: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO ÁLCOOL, MACONHA E CRACK NA IMPRENSA BRASILEIRA**. Psicologia e Estudo. 2022.
- OLMO, R, **A face oculta da droga**. Rosa dei Olmo; tradução de Teresa Ottoní - Rio de Janeiro, RJ: Revan, 1990.
- PEDROSA et al,/ **The path to crack addiction: perceptions of people under treatment**. Rev Bras Enferm [Internet]. 2016;69(5):899-906. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0045>.
- RODRIGUES et al,/ **Conhecimento produzidos acerca do crack: uma inclusão nas dissertações e teses brasileiras** ./ Scielo 17(5) • Maio 2012 • <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000500018>.
- SOUZA. / **Crack e exclusão social**. / Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Nacional de Política sobre Drogas, 2016.
- THIRY-CHERQUE, **Pierre Bourdieu: a teoria na pratica**, PAP. RJ, 40 (1): 27 – 55, Jan. Fev. 2006